LEITURA: PARADIGMAS E IMPORTÂNCIA[1]

Izanete Gomes Nogueira[2]
Prof. Sc. M. Edimildo Barroso[3]

RESUMO: O artigo intitulado “Leitura: paradigmas e importância” tem como objetivo principal levantar aspectos e reflexões importantes sobre a leitura, o ato de ler e suas repercussões na vida do indivíduo e, consequentemente, na sociedade na qual ele está inserido. Para atender de forma consistente a proposta do referido tema, o presente trabalho destaca os seguintes tópicos: “Leitura: alguns pressupostos históricos”, “Uma face da leitura”, “O papel do leitor no processo de leitura”, “A leitura no contexto escolar segundo o PCN de Língua Portuguesa” e “As estratégias de leitura”. Ao priorizar tais tópicos a pesquisa se vale de uma metodologia bibliográfica e faz reflexões com teóricos que tratam especificamente do tema escolhido. Através das discussões propostas, embasadas por uma pesquisa de cunho bibliográfico, concluímos que a leitura é um processo fundamental que deve ocorrer na vida de todo aquele que vive em sociedade, pois ela colabora de forma significativa na formação crítica, reflexiva e integrativa, do indivíduo com ele mesmo, com o outro e com o mundo. Além disso, o ato de ler torna este indivíduo mais participativo e mais envolvido com as transformações do meio em que vive, proporcionando a ele uma visão mais aprofundada de si mesmo e também do mundo.

Palavras – chaves: Formação. Leitura. Leitor.

ABSTRACT: The article entitled "Reading: paradigms and importance" is to raise important aspects and reflections about reading, reading and its repercussions in the life of the individual and, consequently, in the society in which he is inserted. In order to consistently meet the proposal of this theme, the present work highlights the following topics: "Reading: some historical assumptions", "A face of reading", "The role of the reader in the reading process", "Reading in context school according to the PCN of Portuguese Language "and" The strategies of reading ". When prioritizing such topics the research uses a bibliographical methodology and makes reflections with theorists who deal specifically with the chosen theme. Through the proposed discussions, based on a bibliographical research, we conclude that reading is a fundamental process that must occur in the life of all those who live in society, since it collaborates in a significant way in the critical, reflexive and integrative formation of the individual with himself, with the other and with the world. In addition, the act of reading makes this individual more participatory and more involved with the transformations of the environment in which he lives, giving him a deeper insight into himself and the world.

Key - words: Formation. Reading. Reader.

1 INTRODUÇÃO

No contexto educacional há várias ferramentas que são fundamentais para a formação integral do aluno. Dentre elas, a leitura é instrumento indispensável para o indivíduo entender o mundo, já que por ela ocorre o processo de mediação entre o ser e o mundo. A prática da leitura se faz presente desde o momento em que passamos a compreender aquilo que está a

---

[1] Artigo científico apresentado à Banca Examinadora como requisito para obtenção de nota na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso e obtenção de grau de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Língua Inglesa.
[2] Acadêmica finalista do Curso de Letras da UFAM/IEAA.
[3] Orientador do Trabalho de Conclusão de Curso e Professor do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente – IEAA/UFAM

nossa volta. Afinal, no momento em que passamos a atribuir valores, a querer decifrar e interpretar a realidade em que estamos inseridos, estamos, mesmo que de forma inconsciente, fazendo a leitura daquilo que está em contato conosco constantemente.

A comunicação é vista como elo de integração com o outro, nesse sentido, a leitura é chave indispensável para a sua efetivação. O ato de ler nos direciona para que tenhamos acesso às mais variadas informações, amadurece nosso senso crítico quanto nossa posição no mundo e amplia nossa capacidade de questionar, de levantar hipóteses, de defender nossas ideias, de partilhar e de perceber o mundo a nossa volta. Em suma, a leitura, na pior das hipóteses, amplia nossos conhecimentos.

Saber ler é uma das condições fundamentais para conhecermos o mundo. Além desse importante benefício, a leitura nos condiciona, também, a termos acesso aos mais variados gêneros discursivos, nos desprender de muitos senso-comuns criados pela própria sociedade, de sermos um ser político ativo diante das decisões individuais e sociais importantes, seja no âmbito familiar, na escola, na rua, no grupo da igreja, dentre outros ambientes. O acesso e o contato com as diversas formas de leitura nos "abrem os olhos" quando ainda não conseguimos ver o mundo a nossa volta de forma mais ampla. Por isso os grupos que fazem parte desse contexto de forma direta como a escola e de forma indireta, normalmente a família, devem ser os promotores de uma leitura transformadora, dinâmica e integral, de forma a contribuir para uma formação significativa, reflexiva e crítica diante da realidade em que vivemos.

A partir das ponderações, podemos entender que este trabalho tem por objetivo fazer considerações importantes sobre o processo dinâmico da leitura e do que ela pode proporcionar ao indivíduo ao manter contato real com ela. Dessa forma no tópico "Leitura: alguns pressupostos históricos", fazemos um breve levantamento histórico de como era a prática da leitura, para que servia e quais as mudanças ocorrentes quanto ao olhar voltado para essa; no tópico "Uma face da leitura", propomos reflexões acerca dos grupos que são responsáveis e que devem estar comprometidos com a efetivação da leitura como a escola e a família; no tópico seguinte sobre "O papel do leitor no processo da leitura", comentamos sobre a intervenção do leitor e sua importância para dar significado à leitura; no tópico posterior falamos sobre as diretrizes para a prática da leitura no contexto escolar segundo o PCN de Língua Portuguesa e, por último, sugerimos algumas técnicas de leitura para um processo mais efetivo do ato de ler, apresentado em "As estratégias de leitura".

A partir da escolha do tema e dos tópicos de reflexões supracitados, optamos por realizar uma pesquisa centrada na metodologia bibliográfica. Esse tipo de pesquisa nos permitiu dialogar com alguns teóricos que tratam diretamente da temática em questão e refletir sobre

alguns aspectos selecionados, os quais acreditamos ser relevantes para o alcance do objetivo proposto. Segundo Minayo (org.) (2012, p. 16), “Entendemos por pesquisa a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo”. Quanto à pesquisa bibliográfica, segundo Severino (2007, p. 122) “[...] é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados”.

2 LEITURA: ALGUNS ASPECTOS HISTÓRICOS

Em boa parte da história a leitura é vista como o ato de falar, de proclamar e, para que as palavras fossem registradas, foi criada a escrita. Essa técnica, portanto, foi inventada com o intuito de guardar aquilo que foi dito oralmente. Nesse contexto histórico, ocorreu a ampliação e o domínio das Cidades-Estado e com essa ampliação surgiu a necessidade da escrita e essa exigia, de certa forma, a modalidade da leitura – apesar de serem técnicas e exigirem, portanto, diferentes habilidades – já que o que estava no papel necessitava ser pronunciado, ser lido. Segundo Fischer (2006, p. 9):

> A leitura sempre foi diferente da escrita. A escrita priorizava o som uma vez que a palavra falada deve ser transformada ou desmembrada em sinais representativos. A leitura, no entanto, prioriza o significado. A aptidão para ler, na verdade, pouco tem a ver com a habilidade de escrever.

Compreendemos então que a leitura está vinculada ao processo de extrair significados daquilo que está escrito ou impresso, tentando dar vida àquilo que está aparentemente “estagnado” no texto. Afinal, a leitura não é apenas a decodificação de palavras ou apenas a junção do som com o grafema, mas ao realizá-la buscamos compreender os possíveis significados.

No seu estágio inicial, a leitura consistia na capacidade de obter informações de forma visual com base em um método de decodificação, ou seja, na compreensão do seu significado. Posteriormente, passou a ser entendida e aplicada como a compreensão de um texto que ocorre de forma contínua por meio de sinais escritos ou gravados em variadas superfícies. Esse processo de transformar símbolos em informações evoluiu tanto ao longo da nossa história que,

atualmente, há até a obtenção de informações codificadas em telas eletrônicas (FISCHER, 2006). Ainda para Fischer (2006, p. 11):

> [...] o que julgamos ser "leitura" no passado é, em geral, uma comparação arbitrária baseada no que é a leitura atualmente. Esse julgamento retrospectivo não é válido, pois, ao longo da história, a leitura teve muitos significados diferentes para vários povos.

Nesse sentido, não resta dúvidas que a leitura foi desenvolvida a partir de muitos métodos de utilização e que em cada cultura ela era usada de formas diferentes, com diferentes finalidades. Entretanto, é necessário compreendermos as várias mudanças que houve, desde o nascimento da leitura, e de que forma foi utilizada, ao longo desse processo evolutivo, no intuito de percebermos suas transformações ao longo do tempo até chegar no que é hoje.

O processo da leitura nem sempre foi como o conhecemos hoje. Desde que o indivíduo começou a realizar o ato de ler, muitas mudanças ocorreram até que chegássemos a essa prática como a realizamos atualmente. Segundo Lopes; Parente e Costa (2012), com o caráter oral, a leitura foi instrumento para o ensinamento religioso até o século XVIII. Sua prática ocorria de forma mecanizada, ou seja, não se valorizava a sua compreensão. Posteriormente ocorreu uma mudança de compreensão, na qual a mecânica passa a ser agora leitura silenciosa. Assim, fazemos da leitura um processo de interiorização, no qual ao interiorizarmos informações atribuímos significados a essas.

Para alguns teóricos essas mudanças nas técnicas e objetivos da leitura possuem grande importância para a eficiência desse exercício. Além disso, tais mudanças nos ajudam também a entender as modificações ocorridas nos objetivos que direcionavam e direcionam o ato de ler, visto que esses objetivos seguem algumas etapas/momentos para a assimilação de informações. Em relação a esses momentos importantes de concepções de conhecimentos através de leituras, Farias (2009, p. 49) destaca:

> O primeiro refere-se às verberações advindas das mudanças nas funções e empregos nas leituras, ocorridas mais precisamente desde o século XVIII. O segundo, relacionado ao reaparecimento, nos anos 1950, das pesquisas em torno dos processos cognitivos, refletindo uma mudança paradigmática na forma de conceber a leitura. E o terceiro vinculado à inserção dos novos conhecimentos da linguística no contexto escolar.

Observamos a partir da fala do autor as mudanças ocorridas ao considerar três momentos: o primeiro refere-se aos empregos de leituras, o segundo aos processos cognitivos e o terceiro

a inclusão de conhecimentos advindos da linguística. Assim, percebemos aos poucos que as concepções de leitura foram passando por transformações com o intuito de colaborar na formação do indivíduo.

Ao pensarmos nas mudanças ocorridas na educação, onde a Igreja perde forças e status e o Estado começa a interferir nesse contexto, isto é, de educação religiosa para uma educação cívica e moral, percebemos, também, diante desse contexto, as grandes mudanças ocorridas no processo de leitura. A partir de então há novo direcionamento quanto à prática da leitura, pois percebemos o crescimento do apreço pelas obras literárias. A escola, então, ao observar determinadas transformações foi adaptando sua forma de conduzir e trabalhar a leitura e suas metodologias foram acompanhando as novas configurações. Lopes, Parente e Costa (2012, p. 3) destacam de como era realizada a leitura e como sua prática ocorria:

> A leitura, juntamente com a escrita, era colocada para as crianças como ponto de partida, sendo assim um requisito básico para novos conhecimentos.
> O aprendizado da leitura deveria se dar então de forma que, primeiro a criança aprendesse a decodificar (decifrar códigos) e só depois, que já tivesse "prática", ela passava para a compreensão do que lesse. Ainda dentro da questão da prática da leitura, esse momento era dividido em duas etapas. A primeira diz respeito à decifração de códigos. Depois que o aluno soubesse ler ele passaria para a leitura corrente, o que se constituiria no segundo momento.

Passando por esses dois momentos o aluno teria que passar pela experiência de ler em voz alta e em público, característica herdada da burguesia urbana que tratava a leitura como arte para ser recitada. Esse tipo de leitura era visto como leitura expressiva. Vale ressaltar que a escola internalizava tais procedimentos e os incorporava em suas práticas.

Num outro momento histórico a leitura se destaca centrada no texto. A leitura expressiva foi sendo deixada de lado e a leitura explicada a partir do texto foi tomando proporções. Esse método de leitura tinha como objetivo extrair simplesmente o que tinha no texto e expressá-lo por meio de outros escritos. Não se podia dar novos sentidos e significados ao texto, pois o texto por si só já obtinha significado total, não era necessária a intervenção do leitor.

De acordo com Farias (2009) por não se aceitar mais o pensamento predominante na década de 60, de que o texto por si só já obtinha significado completo, na década de 70 quebra-se com essa ideia que se tinha sobre a literatura. Começa-se, então, a se valorizar a perspectiva do efeito que o texto causará no leitor e não a mensagem que o texto quer dizer para ele. A leitura nesse contexto terá teor comunicativo constituída pelo texto e o leitor. Logo, o sentido do texto é construído pelo leitor. Vale destacar por último, os aspectos inseridos pela teoria

psicolinguística que leva em conta não só o que o texto quer dizer ou o que o autor quer expressar, mas a interação estabelecida entre texto e autor.

Atualmente se coloca em prática a teoria supracitada na qual a leitura necessita do leitor. Esse, por sua vez, dá sentido e significados à mesma, e quando há uma relação recíproca entre os dois (leitor e autor), a leitura como processo social colabora significamente na formação do sujeito. Para Kleiman (2000, p. 65) "mediante a leitura, estabelece-se uma relação entre leitor e autor que tem sido definida como de responsabilidade mútua, pois ambos têm que zelar para que os pontos de contato sejam mantidos [...]".

3 UMA FACE DA LEITURA

Com a leitura está o processo da alfabetização e aprendizagem. Por meio do ato de ler nos desenvolvemos e ampliamos nossos conhecimentos. A leitura nos propicia a formação embasada na autonomia reflexiva. Ela está presente diariamente em nossas vidas desde o momento em que passamos a compreender a realidade a nossa volta. O ato de decifrarmos e interpretarmos o mundo através da compreensão dos letreiros espalhados por nossa casa e pelas ruas em geral, por exemplo, apesar de não atentarmos para essas e para outras situações, nos levam a realizar constantemente o ato de ler. Conforme Guimarães e Batista (2012, p. 17):

> A linguagem permite a relação entre o homem e o mundo que o circunda, com toda a sorte de complexidades decorrentes de aspectos sociais, históricos, culturais e ideológicos. Uma das formas de contato com a linguagem verbal, estabelecendo uma das possíveis relações entre o homem e o mundo, é a leitura, que faz com que o ser social estabeleça diferentes graus de interação com outros membros da sociedade, ou seja, a leitura é um dos modos de interação verbal, no sentido de que o ato de ler abre portas para a compreensão e interpretação das atividades simbólicas caracterizadoras dos mais variados tipos de contato social.

Nesse sentido, a leitura pode ser entendida como instrumento fundamental para a formação integral do ser humano. Além disso pode proporcionar possibilidade de abertura de informações para as mais diversas áreas do conhecimento, tanto no meio educacional quanto na vida diária. É a partir do contato permanente com ela que se possibilita uma maior concepção do mundo e da realidade em que está inserido.

Na dimensão da leitura estão envolvidos os campos sensorial, racional e emocional, essa tríade deve ser contemplada para que se tenha um ato de ler significativo. Muitas escolas ainda se preocupam apenas com o ato de alfabetizar, sem estimular inciativas que possam fazer do aluno um leitor autônomo e reflexivo. Além da escola, é importante destacar que a família é o

elo fundamental no processo de amadurecimento da leitura, pois se os pais não colaboram nessa jornada de formação leitora, há possibilidades de que seus filhos, ao viverem em um grupo social que não estimule e não tenha contato com a leitura, se torne um a mais sem o contato com esse exercício o que, possivelmente, acarretará danos ao processo de interação social desse indivíduo.

A leitura é uma tarefa especificamente da escola, é ela quem amplia os horizontes em relação às perspectivas pessoais e profissionais. Todavia não se pode deixar o espaço familiar como a base primeira desse contato. Os pais devem proporcionar à criança momentos de interação tanto com a leitura quanto com a escrita. Nesse direcionamento, a criança deve receber estímulos dos espaços nos quais convive diariamente. Piaget (1975, p. 273) destaca que:

> A inteligência não é inata, depende da riqueza de estímulos presentes no meio físico, social e cultural no qual a criança vive. O conhecimento e a inteligência são progressivamente aprendidos por meios de relacionamento que o ser humano constrói comparativamente a outras ideias e conhecimentos já adquiridos.

Portanto, devem ser proporcionados à criança estímulos em seu lar, e os pais são responsáveis por isso. Quando essa criança chega à escola ela traz consigo o conhecimento prévio que deverá ser ampliado e desenvolvido pelas atividades proporcionadas pelo professor. Salienta-se novamente que, a família possui um papel vital no desenvolvimento intelectual da criança, visto que seu primeiro contato com tais competências ocorre no ambiente familiar.

É claro que não podemos nos ater a um processo de generalização, isto é, de dizer que os pais são culpados por um possível fracasso em relação ao contato da criança com o exercício da leitura. Afinal, muitos pais não vivenciaram contato direto com essa prática, ou até mesmo nenhum contato. Diante dessa realidade é necessário possibilitar à criança, ao entrar no ambiente escolar, métodos e ferramentas necessárias para o estímulo integralizador dela com a palavra, da palavra com a sua vida, e de sua vida com o mundo. Afinal, destaca Badejo (2005, p. 5) que:

> A leitura não é somente a apropriação do ato de ler e escrever; ela envolve o domínio de um conjunto de práticas culturais que envolvem uma compreensão do mundo diferente daquela dos que não têm acesso à leitura. A leitura tem um papel tão significativo na sociedade que podemos dizer que ela cria novas identidades, novas formas de inserção social, novas maneiras de pensar e agir.

Atribuída como ferramenta de transformação e formação do sujeito e esse ao aderi-la a sua vida, a leitura contribui fortemente nas mudanças das atitudes humanas e expande o conhecimento cultural, social e político. A leitura vem assumindo, cada vez mais, de forma

mais constante, papel importante no mundo, visto que é uma via de interpretação do mesmo. Nesse sentido, Menciona Kleiman (2000, p. 89) que “a importância da pesquisa se faz por acreditar que o hábito da leitura desempenha uma importante força na vida social, política, econômica e cultural, uma nova perspectiva sobre a vida e um novo olhar para o mundo. Repassando esse entendimento”.

Sabemos que a leitura deve ser trabalhada de forma dinâmica e sociável desde as séries iniciais. O seio familiar deve ser aquele estímulo primeiro para a criança adquirir o verdadeiro hábito da leitura, dispondo à criança o conhecimento, o autoconhecimento sobre sua vida, sobre o mundo e sobre aquilo que o cerca. Vale lembrar que, no espaço escolar a leitura deve estar direcionada no sentido democrático com o intuito de fomentar a participação ativa do aluno na comunidade em que se encontra inserido. Corroboram Boldanire e Annibal (2012, p. 25) a esse respeito:

> A escola e o docente surgem como instâncias privilegiadas nos discursos produzidos social e culturalmente acerca da leitura. Suas representações parecem misturar-se ao processo de apropriação das práticas de leitura, assinalando o êxito ou o fracasso dessa prática ao longo das trajetórias individuais e coletivas dos sujeitos envolvidos. Nesse contexto, a leitura parece determinar uma interação de maior ou menor sucesso em uma sociedade capitalista, na qual a objetivação da habilidade leitora poderá influenciar ou até determinar as posições ocupadas no jogo de forças dessa sociedade.

A escola ainda deve estar comprometida incisivamente com uma metodologia que propicie o contato real e direto coma leitura, já que é vista como espaço social mediadora entre a teoria e a prática. Infelizmente muitos espaços escolares ainda insistem em metodologias do ler pelo ler, sem direcionamentos e resultados significantes. O ato de ler direcionado pelos professores deve colaborar na construção do sujeito crítico, participante e atuante. Assim, por meio do contato integralizador com a leitura, o aluno pode ser capaz de se tornar um indivíduo muito mais produtivo, capaz de assumir e construir sua própria história diante de uma sociedade tão complexa e conturbada.

Nesse sentido, existem três elementos importantes para a aprendizagem significativa da leitura: a família, como primeira incentivadora e promotora do gosto pelas competências necessárias ao crescimento intelectual; a escola, que deve proporcionar ambientes de sociabilização e interação e; o professor, que deve, por meio da diversidade dos alunos, apresentar metodologias que os ajudem a desenvolver autonomia e a construir sua própria identidade ao estabelecerem uma relação efetiva com a leitura e a escrita.

3.1 O papel do leitor no processo de leitura

A leitura é uma atividade interativa, no entanto, percebemos que há uma certa preocupação por parte dos educadores evidenciada nas escolas. Pode ser que isso esteja acontecendo visto que, talvez, os alunos se encontram desmotivados para o ato de ler. Falamos, evidentemente, dos textos propostos pela escola, pelo professor e pelo livro didático. Em relação a ineficiência do ensino da leitura, Antunes (2003, p. 27) comenta que isso ocorre devido ao trabalho docente pautar-se em:

> Uma atividade de leitura centrada nas habilidades mecânicas de decodificação da escrita, sem dirigir, contudo, a aquisição de tais habilidades para a dimensão da interação verbal - quase sempre, nessas circunstâncias, não há leitura, porque não há "encontro" com ninguém do outro lado do texto.

Tal preocupação deve ser refletida e pensada, no sentido de o professor buscar e apresentar metodologias diferenciadas em sala de aula, pois é exatamente nesse espaço que a criticidade e o posicionamento diante do mundo devem ser fomentados. Assim, segundo Wagner *et al*. (2017, p. 154): "a escola e o professor também participam dessa dinâmica como mediadores do ensino e aprendizagem, pois ambos possuem um papel significativo na construção de novo leitores".

Entrementes, os professores devem fazer da leitura um momento dinâmico e de lazer, de forma que os alunos sintam o prazer de ouvirem e de realizarem as leituras, sem que ocorra um sentimento de mera atividade a ser cumprida para determinada avaliação. Aprender a ler não é simplesmente conhecer o sistema da escrita, ou seja, sua forma estrutural, mas compreender o que a linguagem escrita quer expressar ou significar, pois essas se modificam conforme o gênero textual. Logo, insistir na alfabetização através do método sintético não é a melhor forma para que o aluno obtenha uma aprendizagem efetiva.

Devido a tudo o que foi expresso, percebemos que a leitura é uma das competências fundamentais para a formação do aluno. Dessa forma, podemos, infelizmente, salientar que muitos pesquisadores recentes destacam que entre as principais deficiências existentes no contexto escolar, entre os alunos, está o ato de ler. Isso pode ser constatado porque muitos finalizam o ensino médio sem essa habilidade. Não se pode negligenciar essa competência, pois como já comentado, ela amplia a visão de mundo e oportuniza o amadurecimento do olhar crítico diante da realidade em que o sujeito está inserido. Portanto, é por meio da leitura que o

homem organiza as suas manifestações e necessidades e promove a transformação pessoal e do contexto a sua volta, é o que afirma Dutra (2011).

Para Freire (1989), “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”, ou seja, o conhecimento prévio e a bagagem cultural contribuem significamente para compreendermos outros contextos. Essa “bagagem cultural” contribui na leitura daquilo que está integrado à vida. Além de ser um denominador de conhecimento, ela nos enriquece o vocabulário, nos dinamiza o raciocínio e nos possibilita diversas formas de interpretação de determinados textos dependendo de sua gênese. Salienta Wagner *et al*. (2017, p. 154) que:

> [...] o ato de ler se constitui como um rico processo de produção de sentidos, o qual se concretiza no diálogo entre o conhecimento prévio do leitor e os novos conhecimentos advindos por meio da leitura, em um diálogo produtivo entre leitor e texto, criando a partir dessa relação dialógica um espaço para a reflexão a respeito do mundo que o cerca.

O ato de ler amplia nossos horizontes, pois nos desperta para outros aspectos da vida antes não conhecidos ou interpretados de forma coerente e crítica. Esse ato nos ajuda também a enxergar “o outro” de forma diferente, pois, a partir de uma consciência crítica proporcionada pelas leituras, deixamos um olhar reduzido e passamos a um mais ampliado em relação às diversidades e ao respeito às diferenças.

A leitura é uma atividade textual ordenada e construída por percepções, interpretações e decodificações que necessita ser interpelada para que lhe seja atribuída sentido. Por isso, podemos afirmar que a leitura não se resume no mero ato de decifrar determinada ação, mas requer uma posição crítica que vai além disso, interligando e questionando assuntos e conhecimentos que possam colaborar de forma significativa na formação de novas situações. A leitura, portanto, não deve ser uma ação que se encerra em si mesma, mas um meio de ir além do que está expresso no texto lido.

Dessa forma, nossa participação ativa como leitor é fundamental. Não podemos ser simples receptores de determinada mensagem, mas devemos ser interferência e, assim, atribuirmos sentido a partir do texto exposto. O preenchimento nas entrelinhas do texto vai depender de nossa experiência que, como leitores, temos com outras leituras e de nossa experiência de mundo, isto é, de nossa capacidade de contextualizar. Para Aguiar (2013, p. 153-154) tal procedimento acontece porque:

> [...] a obra fornece pistas a serem seguidas pelo leitor, mas deixa muitos espaços em branco, nos quais ele não encontra orientação e precisa mobilizar seu imaginário para

> continuar o contato. Na verdade, o mesmo texto pode ser lido diferentemente por mais de um leitor ou até pelo mesmo leitor em momentos distintos.

Os espaços em branco, ou seja, a autonomia que o próprio texto oferece para nós leitores são lacunas que precisam ganhar sentido. Vale lembrar que determinado texto pode ser lido várias vezes por diversas pessoas e ganharem interpretações diferentes. O mesmo pode acontecer com o leitor que se vale várias vezes da leitura do mesmo texto. Nosso amadurecimento e o nosso contato com outras possibilidades de leitura nos farão ter visões e/ou direcionamentos diferentes em relação aos preenchimentos do sentido do texto.

Cada leitor traz consigo uma bagagem de experiência, construída e constituída de sua experiência diária. Dessa forma, cada leitor atribui significados distintos para o texto, ora priorizando alguns aspectos, dando maior relevância, ora desprezando outros que não considera tão relevantes. Nesse sentido, organizamos possibilidades significativas capazes de construir um painel de resultados colaborativos em nossa vida. Ainda segundo Aguiar (2013, p. 154):

> Além do papel dinâmico do leitor, também a noção de texto vem alargar o conceito de leitura, tradicionalmente entendida como decifração do material escrito. Podemos conceber o texto como todo e qualquer objeto cultural, seja verbal ou não, em que está implícito o exercício de um código social para organizar sentidos, através de alguma substância física. Portanto, música, pintura, cinema, televisão, moda, esportes, cozinha, falas, artesanato, literatura e tantos outros partilham da qualidade de textos.

O ato de ler está atrelado a esse vasto mundo de leituras construído pela diversidade de produtos culturais e de autores inseridos e advindos das mais diversas realidades e comunidades. Ao termos contato com um produto cultural que traz em si uma base ideológica, nós, leitores, colaboramos de forma coletiva no meio em que vivemos. Logo, em atividade permanente com a leitura, alargamos nossas experiências, adquirimos novos sentimentos e ideias, e modificamos nosso jeito de nos relacionar com o mundo e com o outro. Por isso a leitura não se restringe apenas ao que está impresso, mas vai além.

Cosson (2014) nos ajuda na reflexão a partir da visão de alguns grupos teóricos. Um desses grupos dialoga dizendo que o processo do ato de ler está presente naquilo que se extrai do texto. Para esses teóricos esse processo passa por dois níveis: o nível um está relacionado às letras e às palavras que constroem o texto; o nível dois está construído no significado vindo do texto. Tais teóricos veem a leitura como decodificação do texto, ou seja, a leitura parte do texto para o leitor. Para outro grupo de teóricos, o leitor é parte central da leitura, ele é quem dá sentido ao texto. Assim, o ato de ler depende muito mais do leitor, é ele quem levanta hipóteses, cria estratégias e estabelece sentidos a partir do texto. Um terceiro grupo teórico considera que

o leitor é tão importante quanto o texto. Assim a leitura se resulta a partir da interação que ocorre entre ambos. Segundo esses teóricos, portanto, deve ocorre uma relação dialogal entre autor e leitor por meio do texto, logo a construção de significados ocorre pelos dois ao interagirem.

É percebido, nos levantamentos desses três grupos de teóricos, sobre o processo da leitura, que os dois últimos ressaltam a importância do leitor na atribuição de propor significado ao texto. A partir dessas considerações, destacamos a relevância do leitor, pois ser leitor não é meramente possuir hábito de leitura e tê-la como atividade cotidiana, mas tomá-la como prática social que transforma o ambiente ao seu redor e melhora, de forma significativa, as reações entre os sujeitos.

Nessa perspectiva, a leitura deve ser assumida e ensinada com prerrogativas discursivas, ou seja, não cair na prática de apenas decifrar códigos ou identificar parágrafos no texto. Nós leitores temos o papel de construir sentidos, para cada caso, de forma crítica e reflexiva. Como prática social, exige-se para a leitura um leitor reflexivo que com sua bagagem cultural crie possiblidades de novos enunciados. Corrobora Brandão (1994, p. 89) a esse respeito:

> A concepção de leitura como um processo de enunciação se inscreve num quadro teórico mais amplo que considera como fundamental o caráter dialógico da linguagem e, consequentemente, sua dimensão social e histórica. A leitura como atividade de linguagem é uma prática social de alcance político. Ao promover a interação entre indivíduos, a leitura, compreendida não só como leitura da palavra, mas também como leitura de mundo, deve ser atividade constitutiva de sujeitos capazes de interligar o mundo e nele atuar como cidadãos.

A partir de nosso conhecimento de mundo e dos nossos conhecimentos prévios, incorporamos criticamente esses conhecimentos aos que posteriormente iremos obter. Desse modo fazemos com que nossos conhecimentos possam colaborar na melhoria da realidade do meio em que vivemos. Portanto, a leitura não pode ser fechada em uma concepção meramente teórica, ela se constitui como ferramenta muito mais ampla, é a chave interativa entre nós leitores e o texto, de forma a nos emancipar, ao fazer das palavras fontes de transformação da nossa realidade.

4 A leitura no contexto escolar segundo o PCN de Língua Portuguesa

O PCN de Língua Portuguesa inicialmente faz uma lista dos gêneros literários que precisam ser lidos pelos alunos. Dentre esses gêneros, além dos literários, constam os de imprensa, os de divulgação científica e os de publicidade. Em relação a esses gêneros, o PCN

estabelece alguns critérios metodológicos para a leitura. Com isso, é possível que surjam expectativas quanto ao conteúdo e a forma em vista da característica do gênero e dos procedimentos fundamentais de leitura em consonância com os objetivos e interesses advindos do sujeito em contato com o texto.

Por isso as metodologias para que tenhamos uma leitura significativa são apontadas, pelo PCN (1998, p. 55) da seguinte forma:

> - leitura integral: fazer a leitura sequenciada e extensiva de um texto;
> - leitura inspecional: utilizar expedientes de escolha de textos para leitura posterior;
> - leitura tópica: identificar informações pontuais no texto, localizar verbetes em um dicionário ou enciclopédia;
> - leitura de revisão: identificar e corrigir, num texto dado, determinadas inadequações em relação a um padrão estabelecido;
> - leitura item a item: realizar uma tarefa seguindo comandos que pressupõem uma ordenação necessária.

Esses procedimentos são estratégias fundamentais para que o aluno consiga explorar o texto das mais variadas formas, não se prendendo apenas em leitura superficial. Assim, no contexto escolar, devem ser apresentadas propostas que colaborem nessa análise diferenciada. Infelizmente, o que ainda percebemos são práticas de leituras “rasas” seguidas de listas de questionamentos, o que desvia o verdadeiro objetivo da leitura que é um complemento a partir do que é lido.

Dentre os diversos valores e atitudes que o aluno deve ter em relação às práticas da linguagem, o PCN (BRASIL, 1998, p. 64) cita alguns quanto ao processo da leitura:

> - Interesse pela leitura e escrita como fontes de informação, aprendizagem, lazer e arte.
> - Interesse pela literatura, considerando-a forma de expressão da cultura de um povo.
> - Interesse por trocar impressões e informações com outros leitores, posicionando-se a respeito dos textos lidos, fornecendo indicações de leitura e considerando os novos dados recebidos.
> - Interesse por frequentar os espaços mediadores de leitura - bibliotecas, livrarias, distribuidoras, editoras, bancas de revistas, lançamentos, exposições, palestras, debates, depoimentos de autores -, sabendo orientar-se dentro da especificidade desses espaços e sendo capaz de localizar um texto desejado.

O interesse pela leitura nas suas mais variadas dimensões: informação, aprendizagem, lazer, dentre outras, deve fazer parte da vida cotidiana do aluno. Além disso, a literatura deve ser proporcionada aos mesmos de modo que possa contribuir no conhecimento e no respeito à cultura do outro. As discussões, trocas de impressões e ideias entres leitores, acerca daquilo que foi lido, é uma forma dinâmica de se revelar aquilo que o outro não tenha percebido ou das interpretações diferentes que ocorreram do mesmo texto lido. O leitor deve ainda orientar-se no

sentido de saber localizar os mais variados gêneros que pretende utilizar e realizar o manuseio destes de forma consciente por isso deve haver o interesse em integra-se e participar de espaços e situações que contribuam nessa mediação.

A leitura, pelo PCN (BRASIL, 1998), é vista como um processo que inclui interpretação e compreensão de forma ativa de determinado texto. Esse processo deve partir dos objetivos que o leitor prioriza, do conhecimento que tem sobre o assunto, obra e autor com os quais está tendo contato, e da bagagem cultural já adquirida com outras leituras. O intuito não é cair num procedimento de decodificação de letra, isso porque a atividade de leitura requer quatro estratégias: a seleção, a antecipação, a inferência e a verificação. Só por meio dessas é possível alcançar a proficiência. Segundo o PCN (BRASIL, 1998, p. 70):

> Um leitor competente sabe selecionar, dentre os textos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a suas necessidades, conseguindo estabelecer as estratégias adequadas para abordar tais textos. O leitor competente é capaz de ler as entrelinhas, identificando, a partir do que está escrito, elementos implícitos, estabelecendo relações entre o texto e seus conhecimentos prévios ou entre o texto e outros textos já lidos.

É nessa concepção que o PCN compreende a formação do leitor competente. Não basta apenas saber ler, tem que ter competência no sentido de saber selecionar os diversos textos existentes na sociedade. Ler superficialmente e tirar conclusões precipitadas também não está inserida como atitude e competência do ato de ler. Ler nas entrelinhas, isto é, aquilo que está implícito no texto, requer uma atitude de paciência, atenção e conhecimentos prévios.

4.1 Estratégias de leitura

As discussões nos mais diversos congressos, entre grupos de professores, quando se trata do ato de ler, giram em torno da ideia de que os alunos, ao concluírem determinado ciclo do ensino, sejam capazes de ler. No entanto, pressupomos erroneamente que o mero contato com os materiais de leitura faz com que os alunos se tornem proficientes nesse processo. Muitas concepções vindas de muitos professores ainda persistem nas salas de aula, pelo simples fato dos alunos possuírem uma naturalidade, uma facilidade para ler. Assim, cria-se o chavão de que se tem em sala de aula alunos críticos e participativos.

Essa rotulação camufla as precariedades no ato da leitura. Percebemos isso porque aqueles alunos que leem com certa facilidade, em relação à mecânica do ato, conseguem,

apenas, fazer interpretações e comentários superficiais. Não são, portanto, leitores competentes, são meros decifradores. De acordo com Riolf *et al* (2010, p. 48-49) acredita-se:

> [...] na necessidade de ensinar ao aluno a mobilizar seu repertório de conhecimentos sobre a língua, de modo que ele possa, com propriedade, aproximar-se do texto estudado. Isso não exclui a possibilidade de o aluno se posicionar sobre o que leu, mas aponta a importância da separação dessas instâncias. Seria leviano opinar sobre algo que não foi plenamente compreendido.

O conhecimento prévio e o conhecimento de mundo adquiridos com o tempo e com o contato com outras leituras, possibilita ao aluno ler com mais propriedade o texto. Isso é possível haja vista que sua percepção e entendimento sobre determinados fatos, assuntos, ocorrências, falas, vocabulários etc. já fazem parte de sua linguagem e repertório. Cair no simplismo de compreender a estética do texto e palavras isoladas não são suficientes para a compreender o que se está lendo. Se o processo do ato de ler não ocorre de forma mais efetiva, os alunos em suas exposições de "compreensão" acabarão apenas realizando paráfrases ou destacando pequenas frases ou fragmentos isolados sem contextualização ou coerência alguma com o texto-base.

O grande problema no ensino da leitura ainda se encontra nos contextos escolares e nas práticas que envolvem essa atividade. As metodologias utilizadas, em muitos casos, ainda estão centradas na decodificação das palavras, sem ocorrer o processo da interação verbal. Quando isso ocorre, não acontece o verdadeiro encontro entre o leitor e o texto. Em outros casos ainda persiste a leitura centrada num desinteresse, sem uma função efetiva, visto que ocorre de forma desvinculada da realidade, daquilo que está em contato constante com a vida do aluno. Menciona Antunes (2003, p. 28) ao se referir à leitura na escola, em alguns casos:

> Uma atividade de leitura puramente escolar, sem gosto, sem prazer, convertida em momentos de treino, de avaliação ou em oportunidade para futuras "cobranças"; leitura que é, assim, reduzida a momentos de exercício, seja aqueles da "leitura em voz alta" realizados, quase sempre, com interesses avaliativos, sejam aqueles que têm de culminar com elaboração das conhecidas "fichas de leituras".

As atividades de leitura, em alguns casos, se limitam ao ponto de trabalhar apenas os elementos que se encontram de forma explícitas no texto, deixando de lado, em muitos momentos, os fatos que precisam ser aprofundados e privilegiados. Dessa forma, a atividade de leitura não consegue suscitar no aluno o prazer de compreender aquilo que o conecta a questões presentes em seu cotidiano. Em situações assim, a impressão que temos é que a escola se

superlota de atividades diversas e esquece de dedicar uma parte expressiva do tempo para as atividades de leitura.

A leitura tem que partir de uma dinâmica sociointerativa. A participação ativa do leitor sobre o texto, portanto, é fundamental, e esse texto deve ter função no sentido de colaborar na ampliação do conhecimento e do mundo que o cerca. Nesse sentido, Antunes (2003, p. 79-84) explica que as estratégias de leituras devem ocorrer por meio de:

- Uma leitura de textos autênticos;
- Uma leitura interativa;
- Uma leitura em duas vias;
- Uma leitura motivada;
- Uma leitura do todo;
- Uma leitura crítica;
- Uma leitura de reconstrução do texto;
- Uma leitura diversificada;
- Uma leitura também por "pura curtição"';
- Uma leitura apoiada no texto;
- Uma leitura não só das palavras expressas no texto;
- Uma leitura nunca desvinculada do sentido.

Essas estratégias tendem a colaborar na formação do estudante. Elas são formas de leituras que se trabalhada de forma dinâmica e diversificada vão ao encontro com o que as crianças, adolescentes e jovens vivenciam cotidianamente. O que se precisa em muitas metodologias é uma reformulação e contextualização no sentido de aproximar a leitura do leitor e o leitor da leitura e, assim, colaborar na reciprocidade de criação de sentidos.

Quando nos reportamos aos conhecimentos cognitivos, por exemplo, adentramos em uma discussão bastante complexa, ainda mais ao pensarmos nas estratégias de leituras que podem auxiliar na compreensão e, dessa forma, contribuir ou não para o desenvolvimento do indivíduo. Nesse sentido, muitos teóricos têm trabalhado e discutido questões relevantes em busca de métodos cada vez melhores para o letramento visando, principalmente, uma leitura significativa que leve, consequentemente, o aluno a ser criativo, crítico e atuante de forma positiva em seu meio social.

Em termos de estratégias de leitura temos, por exemplo, a leitura inspecional. Esta ocorre de uma forma horizontal, isto é, quando se quer obter informações e também ter o conhecimento geral sobre o texto. Essa estratégia consiste em, inicialmente, realizar a leitura de títulos, subtítulos e alguns parágrafos. Tal procedimento de leitura funciona de forma imediata, com o objetivo de tomar conhecimento do que trata o texto em sua forma mais ampla. Nesse sentido, corrobora Adler; Doren (2010, p. 38-39): a "leitura inspecional ou pré-leitura é um nível superficial de leitura do texto visando extrair dele o máximo possível num determinado período,

geralmente curto. Ao utilizarmos essa estratégia, buscamos responder a pergunta “Do que trata o texto?”. Apesar de ser uma estratégia que contribui para que tomemos consciência, de forma rápida, do que trata o texto, é importante que tomemos cuidado com esse tipo de leitura, haja vista, que uma leitura realizada apressadamente pode acarretar falhas na compreensão.

Outra estratégia de leitura é a analítica. Souza; Carvalho (1995, p. 77) a conceituam da seguinte forma:

> É a leitura atenta, reflexiva, vertical, pausada com possíveis releituras, que visa a apreender e criticar toda a montagem orgânica do texto, sua coerência informativa e seu valor de opinião. Diante de um texto, a leitura analítica busca a assimilação de novos conhecimentos a partir do somatório de conhecimentos prévios já acumulados pelo leitor.

A partir da leitura analítica, podemos encontrar outras várias estratégias como a relação textual ou linguística, que têm como objetivo encerrar a organização do texto, compreendendo título, subtítulo, parágrafos e as relações que devem haver entre a coesão e a coerência textuais; as relação contextual ou pragmática, que compreende os objetivos do autor; as relações intertextuais, nesta não basta se atar à decodificação de símbolos, mas é essencial que se tenha uma leitura de mundo já adquirida, pois essa leitura de mundo colabora de forma mais ampla para a compreensão e o julgamento de fatos, como relevantes ou não, presentes no texto (SOUZA; CARVALHO, 1995).

Essas estratégias apresentadas colaboram proporcionando uma boa qualidade na assimilação de conteúdos já que elas ocorrem de forma simultânea. Percebemos então que a leitura analítica exerce papel fundamental na aprendizagem, pois é uma estratégia que, por seus relevantes benefícios, pode colaborar significativamente na formação do aluno. Essa estratégia, muito mais que outras, vai além das superficialidades e garante a reflexão mais profunda do texto.

Apesar do incentivo à utilização dessas estratégias apresentadas, é necessário, também, se pensar se, realmente, está sendo garantido um padrão efetivo de leitura que ajude o aluno a expandir seu conhecimento e aprendizagem. O primeiro passo, para que se consiga atingir esse objetivo, é realizando uma seleção de materiais adequados de leitura a serem utilizados, pois estes colaboram, em várias dimensões, mas se forem, de fato utilizados, não apenas, como ressalta Riolf (2010, p. 48), “pressupondo-se que o simples contato com o material de leitura proporciona, em um processo supostamente natural, o desenvolvimento da capacidade da leitura em seus diversos âmbitos (compreensão, interpretação, fluência etc.)”.

É possível perceber que, já há algum tempo, as estratégias de leitura vêm se definindo como processos específicos e intencionais, utilizados para alcançar objetivos pré-definidos. Porém, essas metas só são atingidas a partir do momento que o leitor assume o compromisso de compreender as palavras buscando como meio de compreender, também, o sentido do texto como um todo.

Por outro lado, podemos afirmar, também, que a não compreensão do texto pode nos levar a pensar que não há conhecimento de estratégias adequadas, ou seja, dos diversos caminhos que se devem tomar para que a aprendizagem seja alcançada com êxito. No entanto, o que necessitamos compreender é que para cada objetivo, em se tratando de leitura, há estratégias mais adequadas ou menos adequadas. Nossa tarefa é, portanto, conhecer várias e utilizar aquela que melhor atenda às nossas respectivas necessidades.

Essas constatações nos levam a crer que as atividades que compõem o dia a dia da escola, devem ser caracterizadas por uma diversidade de propostas de leitura. Não qualquer atividade, obviamente. Essas devem ser organizadas previamente atentando-se para alguns critérios, entre eles a integração das etapas que acontecem antes, durante e depois da leitura. Além disso, deve haver a preocupação com as estratégias a serem utilizadas para que ocorram leituras de forma a ampliar o conhecimento do aluno e de colaborar na sua formação enquanto cidadão participante do meio em que vive.

Como já ressaltamos, a leitura é um instrumento interativo que ocorre entre o texto e o leitor, o que ocasiona um processo ativo. Para que tal contato não ocorra de forma passiva, com a mera decodificação de palavras ou de estudos que se esgotam na fragmentação de sentidos, é necessária a participação efetiva do leitor. As estratégias que o leitor irá traçar para atingir os objetivos que almeja devem estar claras e bem-intencionadas, pois caso isso não ocorra, a interação que se propõe entre os dois, para que sucedam significados, não será atingida. Portanto, um dos benefícios proporcionados por estratégias bem definidas é esse processo interativo e recíproco entre o leitor e o texto. Diante disso, Kleiman (2007, p. 54) destaca que:

> [...] o leitor constrói, e não apenas recebe um significado global para o texto; ele procura pistas formais, antecipa essas pistas, formula e reformula hipóteses, aceita ou rejeita conclusões. Contudo, não há reciprocidade com a ação do autor, que busca essencialmente a adesão do leitor, apresentando para isso, da melhor maneira possível, os melhores argumentos, a evidência mais convincente de forma mais clara possível, organizando e deixando no texto pistas formais a fim de facilitar a consecução de seu objetivo.
> [...] isso não quer dizer que sempre haja necessidade de explicitação, mas que o implícito possa ser inferido, ou por apelo ao texto ou por apelo a outras fontes de conhecimento.

É exatamente nessa perspectiva que é necessário pensarmos nos diversos gêneros de leitura ou diversas modalidades de leitura. Temos, entre essas, as que servem para obtermos informações diversas como os jornais, revistas, sites, redes sociais etc.; as que servem para obtermos informações mais específicas em determinadas áreas, como os livros de caráter ficcional ou científicos etc. Enfim, há sempre, entre os diversos gêneros de leitura, perspectivas no sentido de encontrar informações que possam colaborar de forma significativa na formação e aprendizagem do indivíduo e, consequentemente, do seu meio social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As instituições de ensino, juntamente com o professor, devem cotidianamente se auto questionarem se as metas e os objetivos traçados, em relação à leitura, estão sendo atingidos. Se for percebido que a conclusão é negativa, devem pensar em novas estratégias de se tentar chegar ao pretendido: os alunos aprenderem a ler. Para isso é importante também acolher ideias e opiniões advindas dos alunos, já que estes são os principais agentes da sua aprendizagem.

É importante que o incentivo à leitura venha de várias partes, pais, escola, professor, comunidade, Estado, Município e outras instituições que possam possibilitar projetos de fomentação dessa competência. Essa, como já comentado, é ferramenta importante de transformação pessoal e da própria sociedade em que o indivíduo está inserido.

Constatou-se, a partir das reflexões realizadas pelos autores desse trabalho, que a leitura é essencial na formação do aluno e que ela precisa fazer parte de sua vida desde o nascimento. Desde os nossos primeiros passos, ou melhor, contato com o mundo, entramos em contato com sons, temos sensações, e é a partir daí que começamos “[...] a compreender, a dar sentido ao que e a quem nos cerca. Esses também são os primeiros passos para aprender a ler” (MARTINS, 2007, p. 11).

É na escola, porém, que posteriormente serão oferecidos a ele de forma mais organizacional os processos de letramento. Assim terá, então, contato com diversos gêneros e poderá compreender a construção e as características de cada um. Além disso, poderá ainda aprofundar os textos de forma mais analítica e crítica.

Vale lembrar que, tanto no âmbito escolar quanto no familiar, o gosto pela leitura só poderá surgir dependendo da forma como se estimula e de como é apresentada ao indivíduo. Logo, a prática significativa de tal competência colabora na ampliação da linguagem e faz com que o aluno se torne um sujeito mais participativo e com mais possibilidades de argumentar de forma crítica, reflexiva e, acima de tudo, coerente.

Todavia, é necessário que esses espaços de leituras estejam preparados para acolher e que estejam bem ambientados para a formação de bons leitores. É necessário, portanto, que a escola disponha de espaços adequados para leituras, como uma boa biblioteca, por exemplo. Essa, por sua vez, deve ser organizada de forma que o acervo possa atingir as expectativas dos alunos. Além disso, as famílias precisam estar em comunhão com esse processo para que a formação ocorra de forma mais efetiva. Portanto, é fundamental que todos estejam empenhados para que a leitura não seja mero instrumento de formalização escolar, mas de mudanças e colaborações na aprendizagem significativa.

REFERÊNCIAS

ADLER, Mortimer Jerome; DOREN, Charles Van. **Como ler livros:** O Guia Clássico para a Leitura Inteligente. São Paulo: É Realizações, 2010.

AGUIAR, Vera Teixeira de. O saldo da leitura. In: DALVI Maria Amélia; REZENDE, Luzia de e; JOVER-FALEIROS, Rita. **Leitura de Literatura na escola.** – São Paulo, SP: Parábola 2013.

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português:** encontro & interação. 8ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BOLDARINE, Rosária de Fátima; ANNIBAL, Sérgio Fabiano. Leitura como prática sociocultural. In: GUIMARÃES, Huady Torres; BATISTA, Ronaldo de Oliveira. **Língua e Literatura:** Machado de Assis na sala de aula. – São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário:** teoria e prática. 2. ed., 4ª impressão. – São Paulo: Contexto, 2014.

DUTRA, Vânia L. R. **Abordagem funcional da gramática na Escola Básica.** Anais do VII Congresso Internacional da Abralin. Curitiba, 2011.

FARIAS, Monica Façanha. **Atos de leitura:** discursos e práticas na formação superior. Fortaleza: Eduece, 2009.

FISCHER, Steven R. **História da leitura.** - São Paulo: Editora UNESP, 2006.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se complementam. 23.ed. São Paulo. Autores associados: Cortez, 1989.

GUIMARÃES, Huady Torres; BATISTA, Ronaldo de Oliveira. A leitura é uma atividade dinâmica. In: GUIMARÃES, Huady Torres; BATISTA, Ronaldo de Oliveira. **Língua e Literatura:** Machado de Assis na sala de aula. – São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

KLEIMAN, Angela. Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura. - 7ª edição - Campinas, SP: Pontes, 2000.

LOPES, Kézia Claudino; PARENTE, Maria Daniele Ribeiro; COSTA, Francisca Michele de Araújo. **O papel da leitura na construção da identidade profissional doc**ente. Fórum Internacional de Pedagogia – IV FIPED. Campina Grande, REALIZE Editora, 2012.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 31. ed., Petrópolis – RJ, 2012.

PIAGET, J. A **Psicologia.** Lisboa: Livraria Bertrand, 1975.

RIOLFI, Cláudia *et al.* **Ensino de Língua Portuguesa.** São Paulo: Cengage Learning, 2010.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** - 23. ed. rev. e atual. – São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, Luiz Marques; CARVALHO, Sergio Waldeck. **Compreensão e Produção de Textos.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

WAGNER, Bruna *et al.* A leitura como instrumento social de formação e transformação do indivíduo cidadão – um estudo sobre hábitos de leitura no Amazonas. In: MASCARENHAS, Suely Aparecida do Nascimento. ARAÚJO, Jordeanes Nascimento. **Desafios para o exercício da cidadania, qualidade de vida e inclusão socioeconômica na Amazônia.** São Paulo: Loyola, 2017.